

PAROUSIA
AISUORAP
MOTOGOLÓNOMONÓLOGOLOM
PARADDOIS

Parousia

(Monólogo para dois)

Hugo Calhim Cristóvão

Creumar um sobrolho carrancudo senil. Amarrar-lhe as pálpebras no chão. Com gritos de canil incentivar a cadela a gemer. Com aprumo pescar a visão lúcida. A quatro mãos lacrimejar descalço o pó pisado. À força de não reconstruir vender os olhos. Castrar em sal o mar emigrado na retina. Uma espora no flanco. Vagina a ceder chuva. Somar gratuito o terror de rir.

Fecundo e alívio de novo neste país. Neste chão. Há anos que não regresso. Não há palco, não há calor. Após anos no Oriente, entre cães de mel e crisálidas queimadas, deixo cair o sangue. Entre excremento de vaca, cães que se descobrem vermelhos de raiva. Entre dentes esmagados, leprosos. Olhos como sombras a amarar nos tectos despidos. Cadáveres cremados em piras. Sombria, esta luz dos nomes abandonados no cérebro. Morcegos no topo da coluna vertebral, abutres no crânio. Traço a cruz dos muros. Traço a cruz dos gémeos e da carne que sangra em flor. O mar em ondas que arrastam berros de crianças. Traço a cruz dos muros. Como-a, trinco-a pela garganta enquanto desliza, abutres no crânio. Montanhas a cobrirem-me a longitude dos olhos. Ermitas pisados de anos caídos. Lâminas e cavernas. Debelo deusas nuas. Por entre as pernas de uma deusa negra sorvo vinho. Mudo como um chão. Cansado, corro ébrio para o acordar. Os joelhos em fissura, sem ventre e sem língua. Há anos que não regresso. Cruz de carne, até que a minha humanidade se dissolva. Dormir e morrer, pelas ruas. Solas negras a esmagar um milhão de olhos, abordando-me. Um milhão de luzes a gritar o prazer do voo, tocando-me. Passos que se esboroam aos risos de luz, agarrando-me. Mudo como um chão. Joelhos que se separam em mãos ternas de tanto comprimir. Gritar, em cidades onde a população por metro quadrado é igual ao número de moscas por quilómetro num cemitério de ratos em decomposição. Cultivo o sono de crença em crença. Ouço-os trilhar, de teia em teia. Defecando-se nas esquinas. Há anos que não regresso. Aliso a minha pele como se alisa o dorso de um cavalo castanho. Urinando-se em templos. Limpando a merda com as mãos. Decepadados por areias aguçadas que massacram. O mijo com a sede. Bebem água, eu bebo vinho. Ergo imóvel o cálice para a dureza que me fere. Germino inúmeros filhos de sede. Germino inúmeros filhos de sede, crianças que pisam o porvir. Fecundo e alívio de novo neste chão. Neste palco. Há anos que não regresso. Toda a luxúria do instinto desaba como uma cascata de serviçais nus, de joelhos. Enterrado em carnes presas, fóssil carbonizado e vermelho. Procuram assegurar com segurança as suas muradas ilhas de conveniência. Vigio as noites e os escravos. Entre risos sufoco. Bebo vinho, bebem mel. A minha língua cresce, devagar. Ergue-se sempre devagar entre sonho e desejo, a veemência urgente. A minha boca é um mar de saliva quente. Essas línguas que se soltam e resvalam em tom de grito e retóricas integrações. Bebo vinho. Morno como sístoles, morno como diástoles. Não mais que o movimento irado e repetitivo de uma besta ossófila. Gotas de mar inundam-lhe o útero de semente em semente. Vejo passar repetidamente camiões de ossos e ossos usados em lábios de puta. Morno como sal, morno como um sol. Óleos doces para suavizar a merda no rabo dos bebés. Crianças que pisam o porvir, que tanto desencarcera os apóstolos do cio da sua sanidade mental. Vejo mulheres.

Liberdade como sangue e actos não se compreende. Espero entre exalações o que nunca acontece. Dá-se de corpo em mergulho acrobático de instante. Devasto o sono devagar. Escrita como acção não se reclama e invectiva. Oito braços vivos. Cria-se com génio e trabalho de mãos

e pontas dos dedos em delírio. Oito mãos nuas. Trabalho de toupeira e de verme a reconstruir a decomposição de detritos e dejectos. Um milhão de mortos. Em toques de tango e faca nas casas onde tosem de nojo. Um milhão de mortos. Vomitam desgostos. Ouço falar em pragas. Tapam o nariz de repulsa. Abraçam-se uns aos outros às arrecuas de caranguejo em canibalismo culto. Ouço falar em pragas. Comprometidos e sensatos dramaturgos da morte. Ouço falar em pragas e rodeio-me de sonhos em que os tentáculos de um polvo se cravam nas tuas costas. Quem tem de se cagar todo, toda, em pânicos catatónico-catárticos, correr e querer correr de olhos cerrados contra as paredes e portas que se barram, precipitando-se, és tu. Vinham, vinham os cavalos a danar-se entre ouriços e espinhos. Nelas se sangrar e mais longe delas se esquivar acelerando até ao limite das solas e do cérebro. Do cérebro nas solas. Vinham, vinham os cavalos a danar-se entre ouriços e espinhos. Mesmo que em redor ninguém mais se borre e sobre defecar discorra palitando unhas amarelas de crispadas. Árvores negras de luz. A cavalo de cavalos senis amaranando precipícios. Apenas a ascese de erguer as pernas e as penas num acordar surpreendido. Apenas ferocidade e competência. Sol a sol labor de ventas arregaçadas lá onde o forno coze e arde. Expectante cultivado noite com noite toda a noite em horta dopada de bolbos. Seiva pessoal e vulvas de orvalho. Cataratas e cataratas de bolbos. Cataratas e cataratas de orvalho. Inteligente, perfeito, preciso, necessário, verazmente radical afundar. Intestinos de sêmen. Cornos a gemer de sensibilidade. Cornos de abundância dionisiaca. Cornos de bacante no cio, o único real direito. Vulvas de orvalho. Crânios vermelhos em flor, o único verdadeiro direito.

Cala-te nunca, atravessa léguas e cai. Metros, esses, que sejam o pasto das réguas.

Apanha a garrafa. Vou-te morder as pernas, cobra que morde. Saltar, aqui. Apanha a garrafa. Toma álcool, toma chuva. Achas que os anjos e os demónios não têm mais que fazer do que andar a servir de parteiras? E agora, queres-me mudar a fralda imagino? Quero mamar, além disso. Despacha-te a desapertar as asas. Espero que tenhas pó de talco. Espalha-me o tinto aí na abertura da maternidade. Propõe-te a estares com o período. Que eu já não aguento esta comédia de comediantes, todas as noites. Se isto continua, começa a querer levar-me à escola de manhã vestido de farda. O ser e o nada, é? O ser e o tempo, é? Adopta um etiopezinho. Passa-me a garrafa. Diz a Deus que vou ter muito tempo para o aturar. Parece-me que ele também é estéril, de qualquer maneira. Racional em demasia, a querer provar uma tese, didáctica e explicativa, presa à acção anterior, à história na cabeça, ao resultado final. Canastra a dizer o texto imóvel, com ares de distanciamento, lipídios murros, turras aos litros, literaturas, a didascália como último refugio, uma partitura dramaticamente sofrível, drástico desaforo mastigado para trás, para trás. Cada frase um novo mundo, cada frase uma acção. Distância nunca, nem mesmo distanciamento, “estranhamento”. Brecht La Palisse. Desopilemos antes de avançar o regresso, os ossos podres e a implícita metáfora de um eterno rastejar, a relação chucha – cavalgar, o agrilhoar do ânimo expresso em meditar, o rogar de uma praga, tudo isso carrega um potencial latente, presumido. Não ignores que tiveste de reagir ao saltar de obstáculos, à garrafa nas mãos, à cara salpicada de vinho, que eu estou em cima da mesa, saltei para cima dela e não caí, essa mania de olvidar os olhos para meditar que te promove a cegueira é um amarrotado de-sastre em queda. A minha sina, sempre a mesma sina, ser destacado para o batalhão de treino das noviças, destas cavalgadas existenciais indecisas. Cavalgadas. A existência precede a essência, a existência precede a essência, a existência precede a essência. Cavalgadas. Palma, anjo, palma, demónio, palma fêmea. Cavalgadas. Anos e anos entre necrófagos, pedófilos, canibais, e calha-me a comédia agora de ter de representar um homem em frente a esta, que não pára de bater palmas como uma foca no circo. Cavalgadas. Anda mesa, vamos cavalgar tu eu mesa, vamos virar-te ao contrário, isso mesa os pés e as mãos para cima, ignora ali a foca parada, arrotamos, arrotamos. Regressemos, regressemos, viramos-te outra vez, gotas de vinho no tampo, gotas de vinho no tampo. Bem, bem, bem. Outra vez a criação, a cria, a criada. Vá lá, qual é o jogo mesmo?

É mesmo essa frase tímida, que não se consegue ouvir ainda por cima, de padre pedopsiquiatra da santa casa da misericórdia, de carmelita descalça a catequizar beatas, que pretendes pôr no gargalo? Não rasgam mais longe essas asas? Não voa mais baixo essa cauda? Não consegue parir mais fundo esse buraco? Não repuxa mais essa leitaria? Podes refazer se quiseres. Podes retomar o discurso e torcer. Espremer, refazer, re-re-re-re-re, re-re-re-re-re. Brota-me no coração a caridade sempre que me deparo com anjos. Vá lá supra-sumo da maldade, supra-sumo da dor. Dá outra vez à luz. Agarra mais uma deixa. Ou sufoca essa. Tetraplegias da mesma pose de estátua do encerramento ao início. A criatura anjo não necessita de crismar a última frase, está contida no anterior. É uma redundância. Para mais, é perfeitamente visível que possuo ainda dois braços, duas pernas, a minha boca não se baba, os níveis de saliva estão no normal, como podes constatar agora que te cuspi em cima. Ameaçar essa violência toda na mesma altura em que, apalpando os meus membros, os sinto funcionais e alegres como nunca, viçosos? Consigo caminhar. Consigo saltar. Consigo correr. Consigo até rastejar como quem se

apoia em cotos, e dar piruetas. Temo pela tua saúde, essas ilusões de onipotência vão-te levar à derrota anjo, a não ser que as consigas cumprir. Anda cá por isso, e tenta. Aproxima-te devagar, como uma foca de língua de fora e bigodes erguidos, movendo-se ao som das palmas. Palma um, palma dois, palma três. Visualiza o peixe, uma truta, uma pescada, um bacalhau, uma baracuda, uma raia, um polvo. Percebe as espinhas a deixarem fios de sangue no canto dos lábios, a areia e os corais no fundo do mar a traçarem desenhos em forma de guelras no teu dorso, a massa de carne e de óleo a deslizar pelo chão, a deslizar, a deslizar à força de palmas. Palma um, palma dois, palma três. Aproxima-te, com esforço, ofegante, não te interrompas nunca, usa o queixo como um pedal, os dentes como manivela para progredir. Consegues ouvir as palmas no meio dos remoinhos? Aproxima-te, espalma-te pelo chão e funde-te com as rugas do suor. Nada como o suor, a sua sabedoria tácita, emporcalhada de sonhos desfeitos, de realidades submetidas. Sua anjo, sua. Cria um novo mar com esse suor salgado, girino manietado em carne e óleo. Aproxima-te mais que no palco da vida os urinóis cortam e evadem-se e a tua boca sedenta de ar no convés deste navio é de graça. Aproxima-te anjo, vamos-te afogar.

Cantos agrafados de guerra e pus, fungos que gretam lava, cataplasmas de aço e cal, ninhos em corrente, nadar. Recuperar a recusa, afagar a torneira com os dedos, entupir o dique, ver como soçobra, racha, afunda, cede. Montar cilindros e cones, trigonometrias de remoinho, cubos dimensionais, costuras amarrotadas, ferrolhos de gado vago, brandir vitrinas de braços e estirar tendões, músculos, lamentos, suores, febres, temperar em bramidos, gamas de contraponto e harmonia, geometrias agastadas. Albas em feromonas, macerados acólitos, matrizes cariadas no abuso, criogenias de formol, biópsias de sucção ventral, nadar. Saboreaste a saliva, mastigaste-a na tua boca, reviraste as papilas gustativas, ficaste com o queixo todo porco, a cara vermelha, olhos a sair das órbitas, uma expressão alucinada de decrépita velhice, as mãos a tremer, o discurso incoerente, o gesto para a cozinha em lata, o corpo a modos que enraivecido. A alucinar com bracitos e essas divagações sobre faltas de membros e faz de conta. A histeria cura-se à bofetada. Pára lá quieta, senão baixo-te as calças e meto-te os grãos, ouve bem os grãos não os greiros, bruta, meto-te os grãos de arroz pelo olho do cu acima até ficares estufada como um Perú. Uma excelente ideia não fosse a pobre higiene corporal dos anjos. Perfuro-te uma mangueira de pimenta por aí acima. Estou curioso para saber se és capaz de pôr ovos com tanto cácarácá. Virares-te de costas à espera que eu sossegasse foi um grandessíssimo disparate. Quieta já te disse, que te magoas. Não tentes falar que te aperto mais o laço à volta do pescoço, arrasto-te pelo chão. Mais uma bofetada que precisas de descongestionar a expressão. Não, que rebentas com as cordas vocais. Vou ter de me sentar na tua cara. Outra, faz o favor de não me morderes o rabo. Outra, mal comportada dum raio, olha que te esgano de vez. Ah, cá está a mesa. Toma outra, e outra, e outra. Estás-me a cansar tartaruga. Chatice que tenhas cortado as unhas eu sei. Onde é que o cabrão do técnico deixou a fita adesiva? Porra que pesas a arrastar, larga a corda, parto-te o braço. Encontrei. Ora a boca, cala-te, pareces uma vaca a mugir. Voltas a tentar dar-me um pontapé e desfaço-te o focinho com a garrafa. Patas anteriores presinhas, já te posso soltar um bocadinho. Escusas de correr, olha o laço, chiça que trambolhão, vão-te crescer cornos a sério. Outra vez. Cavalga sua cavala cavalga, grandessíssima cavala salta salta. Pareces perturbada, medita. Não sou toureiro escusas de te atirar dessa maneira. Patas posteriores abertas, amarra-se aqui o laço, toma uma, toma outra, toma mais. Chega de pontapés, acabou. Patas posteriores abertas, pernas da mesa, uma, tens cascos duros para anjo são mais de porco, outra. Está, toda aberta, como uma ostra. Silêncio, finalmente, um pouco de sossego. Não está mal. Espera um minuto que eu volto já.

Portanto, uma garrafinha nova, um litro de rum, toca a tirar a fita adesiva da boca. Não tenta morder, não guinches gralha. Bebe. Ai não que não bebes, ficas sem nariz. Apertemos, apertemos, abre a boca de uma vez, está quase, olha que sufocas. Estás com a cara cor de tomate maduro. É isso mesmo anjo toca a emborcar, tudo, tudo, tudo. Não mordas o gargalo estúpida que ficas sem língua. Isso, isso, chupeta pois é, está quase. Engole tudo ou volto com um garrafão de bagaço, um litro aí no estômago que é para ruminares bem, podre de bêbeda, isto de pinguinhas filosófico-maternais não chega. Exactamente, boa menina. Outra vez a fitinha na boca, se não te importas. Espera-se um minuto. Jeitão que dá ter os cacos de uma garrafa à mão. Libertemos as patas anteriores, o resto a coisa que se desembarace sozinha, continua lá e tenta não vomitar quando tudo te começar a andar à volta à roda. Borracha. Alcoólica. Quero ver. Quebras demasiado cedo, pensas em como ceder, em perder e ganhar, em vencer. Cansas o palco de tanto cansaço. Nada pode voar demasiado alto que não caia quando voar é um pretexto para descer em glórias divinas. Não é da boca de cena que vais descolar, daí apenas cais, e continuas a cair. Mas não te vais embora, limitas-te a permanecer aí, à boca de cena, à espera de descolar, cana de bambu de equilíbrio instável. Já não ouves bem, falas em respeito, já não tentas articular, desrespeito e despeito nos lábios. Soluções presos. Os outros, os públicos. Estás a falar daqueles? São uma contingência. Um acaso. Um acidente. Uma quinta industrial de produção de

palmas. Sai do chão. Larga a boca de cena. Mexe-te. Estás a ceder ao jogo das palmas. Ao lodo do já terminou, do quero que termine. Do quero descer em glória, com olhos de amor sobre a tua presunção angélica, com braços erguidos de reconhecimento. Queres ser uma criancinha milagre, inocente e nobre a suscitar o embevecimento das palmas. Prato sacrificial. Como se a faca se anulasse perante o pescoço das crianças, inocente lâmina, e não estivesse prevista, pensada, desenhada, arquitectada para as fazer berrar, para as magoar. Junta-te ao matadouro, pendura-te pelos pés, esfola-te, e chora. Não és anjo. Não és demónio. Não és criança. Não és mulher. A cada não uma salva, a cada não uma oratória, a cada não um cataclismo de palmas. Cacos de garrafa partidos, cacos de garrafa quebrados, cacos de vidro para quem os colecciona e analisa. Não és um repouso, não és um movimento. E não és apenas uma palerma borracha à boca de cena. Fermenta. Hipódromos, exploração de cavalos, corrida, prémios no fim, apostas. Viciados e indiferentes a bater palmas. Cavalos treinados para a falsa humildade de chegar em boas condições, de chegar primeiro. Oportuno é sair da pista, ir para cima do público. Pôr o cavaleiro a morder o chão. Ambiguar as opções. Tirar os porcos da quinta dos animais. Não é por exigirem entretenimento que uma pessoa se submete sem que pelo menos se nos entranhe a embriaguez, a revolta. Com os olhos bem abertos pelo poço acima até que tudo termine. Mandando passear a terra dos anjos, lá para as ilusões onde eles gostam de estar. Onde se borram e escondem em quedas. Os órgãos devem mesmo assim ver e ser vistos, por aqui, onde se lamentam e torturam os anjos. Demora muito, aí a putrefacção, o fermento, a calcinação, o dissolver, o coagular? Já passou mais de um minuto inteiro de tempo de cena. Mais de sessenta segundos de eternidade pelo cano do teu alcoolismo.

Estás a treinar para pedra pomes ou para cinzeiro? Para naftalina? Para tapete de porta? Para cabide? Para tartaruga numa cadeira de rodas? Para actriz? Achas que isto é uma repartição de finanças? Um balcão de atendimento público? Uma autorização para começar obras? Uma composição filosófica? Uma terapia de grupo? Um psicodrama? Uma meditação íntima cheia de pudores? A latrina multifamiliar de um apartamento bolchevique? Demora muito a puxar o autoclismo, a desimpedir as articulações, a desenferrujar a laringe? Estás à espera de um espelho para retocar a maquilhagem? Estás à espera que Deus te venha por pó de talco nas bochechas rosadas e dar um beijinho na testa? Conferencias com amigos imaginários aí do outro lado do teu cérebro enquanto não passa a ressaca e avança a cirrose? Estás à espera de reunir um consenso popular em referendo de democracia representativa aí na casa do chá das cinco do sistema límbico? Sonhas com cardumes de castores pornográficos de metralhadoras a construir diques em redor das tuas asas divinas? Imaginas-te a subir ao céu no carro de Ezequiel com um coro de aplausos a abanar-te vento quentinho para as orelhas? Deliras-te como a máxima autoridade do universo com os planetas, as estrelas e as galáxias a virem-te suplicar autorização para girar por meio de cócegas suaves na barriga da perna com penas angélicas acabadas de parir? Estás à espera de ser forçada por uma hecatombe romântica de inspiração entre orquestras sinfónicas de lindo, muito bem, tão linda, tão ela mesma, tão original que é esta artista que devemos acarinhar com ternura como um valor seguro, como a esplendorosa salvação das nossas almas pobres de beleza? Estás à espera que o cabelo te caia com as rugas da terceira idade no lar da segurança social a jogar às cartas nas horas vagas de tomar os comprimidos para evitar o reumatismo lancinante que não te permite usar os ossos sem que como agulhas os nervos cosam? Estás à espera que te cresça uma pastagem em pousio no topo da cabeça e que lá apareçam a arca de Noé depois do Dilúvio mais o Jardim do Éden cheios de maçãs suculentas em promoção? Estás a pensar na família que sempre te disse que ias ter a melhor vida do mundo ao teu dispor se fizesses tudo bem e te comportasses com propriedade, e que assim não ias ter que aturar malcriadez e faltas de respeito para com a tua honesta e própria pessoa merecedora de todos os elogios e considerações, tu que és uma pessoa muito boa e até trata bem os empregados, porque sem eles a vida ia ser muito mais difícil e nós os privilegiados honestos e próprios temos que ser simpáticos com os animais de carga senão eles não carregam e temos nós de carregar? Tu que és um anjo, palavra de anjo? Estás à espera que eu me cale e vá ser gaseado para uma mina escondida no meio de um deserto usado para testes nucleares e ensaios de armas químicas? Para um paraíso de contentores radioactivos e abortos com três cabeças? Estás à espera de usar crânios humanos como escadas para melhor subir na vida? MEXER! MEXER! MEXER! Hop, hop, hop. FALAR! FALAR! FALAR! Blá, blá, blá. É só abrir a boca e começar. De certeza que não te esqueceste de um dos talentos adquiridos que define a humanidade ó meu anjo.

Nada? Nada? Nada? Nem um som? Nem um grunhido? Um rosnar? Um bramido bebé? Um mas, mas, mas? Um pois, pois, pois? Um está claro, está claro, está claro? Um interessante, interessante, interessante? Um também acho, também acho, também acho? Um complexo, complexo, complexo? Um no entanto, no entanto, no entanto? Um mesmo assim, mesmo assim? Um difícil, difícil, difícil? Um agora não, agora não, agora não? Um mais tarde, mais tarde, mais tarde? Calou-se? A criatura calou-se? Regrediu para o estado larvar? Regrediu para bactéria? Regrediu

para mitocôndria? Calou-se a criatura? Está amuada e com muita pena de si, a representante do céu aqui na terra dos infelizes? O ministro calou-se? A diva perdeu a fala? Está indignada? Está ferida? Perdeu a inocência? Não estás a achar piada, sua excelência? Balde de água gelado, voa, voa, voa, que a miúda está ressecada. Vais ter que por as asas no forno. Anjo com uma pedra de gelo. Quase, mais para a esquerda, ainda estás demasiado trôpega para te pôr a atirar cadeiras, mais para baixo, mas é uma evolução. Isso, isso, isso, atira também o balde posso usá-lo. Belo uivo sim senhora, relaxa a mandíbula, descontrai o queixo, primoroso uso das cordas vocais, originalidade ancestral, estás a sujar o chão todo, não estou a perceber nada dessas onomatopeias, projecta a voz. Porque é que estás a desapertar os sapatos? Claro que as portas estão todas fechadas. Relaxa a mandíbula, descontrai o queixo. Cuidado os cacos não, os cacos não. Perto, perto. Quem é que te ofereceu esta bota compraste na feira? Acho que é um bocado estúpido pores-te a arremessar meias. Estás lenta é da bebida. Sangue, pronto. Não sejas parva, o cinto é uma arma de curto alcance, não sejas parva, a não ser que queiras atirar as calças. Os cacos não, os cacos não, merda que os cacos não são facas estás a ouvir, magoas-te outra vez. Descontrai o queixo, um pouco mais e contratam-te para meter medo aos gorilas. Já te disse que as portas estão fechadas, o teatro só termina no fim. Por esse lado também, não abalroes o público, não pises o público. Olha para ela a saltar entre os cacos como um pinguim. Continuas a morder os lábios dessa maneira e ganhas mais um nariz. Olha, parece uma valquíria, o teu cabeleireiro está a ficar rico a cada segundo. Excelente uso das cordas vocais, em registo animal. Não tremas, não estás a pensar em suicidar-te pois não, era um triste fim para um anjo, e não desmaies, eu ia ter que te examinar compreendes, tirar amostras, ver se era preciso mudar as fraldas. Aos murros à pobre da mesa agora, aos pontapés às cadeiras e descalça ainda por cima, os anjos não se sabem proteger. Porque é que não danças o vira no meio dos cacos, era mais dramático. Mas que figura mais triste. Deve ser isto a condição humana que estes anjos tanto gostam de culpar.

Salta a tampa. Dança-se, torce-se, explode em vibrações sincopadas, rasga-se, estira-se como um arco prestes a quebrar. Glossolalias. Xenoglossias. Não pares. Continua. Não pares. Continua. Não pares. Só cá estás tu, com a condição humana mais os filhos do homem. Estamos habituados a sofrer. Espanca, mas continua. Bate, bate à vontade. Cospe. Não há por aí um pouco de mijo? A bexiga não grita? Já não vais à casa de banho há muito tempo. Não tens sede? A língua não está seca como um deserto? Boa educação recíproca, justiça contratual, triste anjo. Estamos habituados a sofrer. Espetar-me agulhas entre as unhas, partir-me o nariz com um martelo? Queimar-me as articulações com lume brando? Decepar-me os membros e gozar enquanto tento ultrapassar um metro, máscaras de raiva e dor a deformarem-me a cara? Dar-me de comer a aranhas, formigas, escorpiões? Patas e patas minúsculas a fecharem-me a entrada de ar à chave? A chave a girar nas tuas mãos fechadas? Degolar-me a traqueia, pisar-me a laringe, pôr-me o coração a ladrar perdão, amassar-me os pulmões como quem amolece um bife? Estilhaçar-me a cabeça como se fosse um ovo, bem devagar? Lâminas de barbear a escanhoarem-me o escalpe? Queres-me fazer sofrer o teu verdadeiro paraíso? Queres que te adore com devoção extrema? Que reze em prantos pela tua presença? Que incondicionalmente te dê presente o meu corpo e a minha alma numa bandeja lavada em penitências? Queres-me sentir a rastejar atrás de ti, como um troféu, dependente das palavras que te dignares a desprezar? Equilibrar a oferta com a procura? Queres-me ver de joelhos, rendido à condição humana sob a tua liderança e dedo miudinho? Consegues-te ouvir no meio dos remoinhos? Tudo isso já me aconteceu. Somos imensos, fomos imensos. Consegues-te ouvir no meio dos remoinhos? Os meus pudores não são os teus.

Perdes o pé, estás-te a afogar. Vejo-te de gatas. Ficas bem de gatas. De gatas és um belo anjo, mas de gatas não se vive, de gatas apenas te deixas morrer. De gatas também tu gatinhas. Mais um balde? Mais gelo? Bebe mais um pouco de vinho, o chão está cheio de gotas soltas. Faz-te mal a sobriedade. Pára de regredir, se tens frio dança, o útero também é molhado, a posição fetal não aquece. Mais um balde a descer? Mais gelo nas vértebras? Aprender a andar de gatas não é fácil, principalmente de costas. De costas e de frente, lado a lado. Um pano do pó metafísico, anjo? Rastejas para evangelizar os nossos crimes? Levanta-se. Tenta andar. Estou a assistir a um novo milagre. Levanta-se e quer andar. Uma epifania. Estar de pé é muito perigoso. Cuidado. Um passo. Mais um passo. Não olhes para o chão, fica muito longe. Confia nas solas dos pés. Esquece o céu, nunca deixa de lá estar. Lagartas de tractor, pregos. Acorda bem os calcanhares. Acorda bem os dedos. Mais um passo ainda. Mais um passo, agora nunca menos um passo. Corpo como uma cobra, eis o segredo. Rasteira, golo. Rasteira, golo. Rasteira, golo. Corpo como uma cobra. Corpo como uma mola. Rasteira, golo. Rasteira, golo. Não é cair, não é levantar. Rasteira, golo. Perdeu a vigília. Golo. Esperemos que acorde. Foi-se. Para o céu, ou para aqui. É uma incógnita. Ainda cá está. Vou buscar outra garrafa, mas não me viro nem te largo da vista, estás a perceber anjo mudo, que os anjos são traiçoeiros. Bebo eu, até ao fim, um trago, um litro. De qualquer maneira, ainda cá está. Vou-te regar, mais uma garrafa. Precisas de estrumar a mente, marinhar a libido. Desregrar, banir o artificial, raiar a crueldade. Irresolúvel por natureza, apelar ao paradoxo. Precisas de adubar.

Ainda cá está. Força motriz, conflito, libido, vontade. Projectar arquiteturas não euclidianas num espaço curvo. Beliscão, pinça, garra, pinça. Dorme, a criatura, a criatura vegeta. Examinar-lhe a traqueia, os dentes, as amígdalas, as bochechas. Orelhas a abarrotar de cera, esfreguemos, esfreguemos. Boca a boca, sovaco com boca, bota com boca, bota com tetas, bota com rabo, vegetal podado, bota com sovaco de baixo. Gentileza, gentileza, é preciso ser gentil. Mistério, mistério, será que os anjos se barbeiam. Em redor do poço, será que navalham os pelos. Continua aqui, não se mexe. Beliscão, pinça, garra, pinça, palmada, percussão. Cagam, os anjos, meu deus e senhor os anjos têm cu. Tinta de castanho, ou tinta de pele. Experimentemos o indicador, o dígito da criação. Dormir é fodido, acordar é preciso. Fica-se exposto ao imprevisto. Palmada, eco, palmada, palmada, percussão, eco, eco. Bate palmas. Bofetada. Diz que sim, diz que não. Amor aos materiais, tridimensionalizar a hóstia, escultura, indústria. Bofetada. Senta-te direita, endireita-te, inútil. Come a papa, chucha no dedo, chucha o dedão. Testemos a divina flexibilidade. Gostas de tranças anjo, um bigode capilar. Ordenhar, ou não ordenhar, eis a questão. Ainda não é agora. Bate palmas. Epitáfios de revolta. Quer mama. Falta-lhe o riso para poder vibrar. Sem que me percebam. Frio no coração, fogo no cérebro. Escolho o melhor momento para morder e sugar. Em carne vermelha. Divina, divina, divina, a vibração percutida da futura celulite. Mexe, remexe, mexe, remexe. Contar os cabelos sem lhes tocar. Sorna de anjo. Anjo chato. Sinto o vinho, o vinho, o vinho. Sobe-me á cabeça a carga do céu e da veracidade. A guerra da vera cruz, temperada em terra. Sorna de anjo, tedioso anjo. Carregando gotas de vinho, carregando odres gotas de vinho, carregando odres salivas gotas de vinho. Triste anjo. O vinho. Carregando odres de vinho gotas de saliva, carregando odres, carregados de vinho, carregados, podres.

Contratados e contactados, pesquisadores do infinito e do finito com o corpo e a voz a ranger o fingimento sem fingir a dor. Pútridos poetas cujos versos espraiam um pouco mais os prementes limites do imponderável presente. Paladinos a ferver do sadomasoquismo e da obscena nudez estriada de marcas de chicote. Companheiros por labuta na busca de um orgasmo de teatro cujo parto renasça e procrie. Verdadeiros actores e também os focinhos funcionários instituídos que fazem de conta e afirmam ser missionários da pedagogia esclerosada da profissão. Propagandistas do movimento e do contacto a encenar actores parados como comatosos postes pedantes em exclusivo contacto com a possessão por espantalhos e hastes de estender a roupa. Presunçosos bolachões de poéticas tertúlias para a caixa registadora da criatividade burlando e lendo no ressonar até ao fim, irmão, enquanto a burguesia trinca o jantar a brochar os dentes pensando que são arte. E viva a cultura, grande intestino a obrar por trás dos óculos e dos olhos. Anarquistas revolucionários de arma e guerra na mão entre os mais perseguidos suportando a dignidade da vida por espírito de horror e missão perante a vergonha dia a dia do sofrimento e da indiferença. Amantes antigas engravidadas e engordadas a puxar de tetas moles em cor de rosa fralda da manhã a carroça de pasto da fotocópia dos filhos da mãe e do pai que pastavam. Filhos da puta alegre e netos da puta triste e filhos da pura puta fina que de todos são os mais inutilmente produtivos e mijam perfume Dior cagam caganita Cerelac. Passantes manifestantes e transeuntes que espancam à morte os homens e os animais porque isso dá prazer numa sonolenta tarde de verão antes da cerveja a rosas de fariseu amolecer o sono redondo no metafísico do umbigo. Nobres da arte sangue azul da mama corporativa intermitente da classe que infelizmente não foram queimados vivos em assado com sardinhas nesses pardieiros onde debicam texto e milho sob a sinfonia das batatas culturais à la carte, didascália, marcação. Nós amorosamente programamos pó artístico país depois do pó dentro da revirada escova de dentes cravada no nariz até ao peido. Vão-se todos penetrar antes do jantar e antes da sobremesa que se evita o jantar e se foge à sobremesa e no palco se entra a apertar as calças e a retocar a pentelheira cranial. O que convenhamos tem mais cabeça pródiga de fértil e saia arejada e saída profissional a pingar excremento pela roupa interior. Mais a branda nova dramaturgia proveta com mofo fungado nas páginas dos jornais de ontem. Nós ensinamos e apoiamos os porcos aspirantes a escrever com curso um concurso de ursos a concurso. Porque nós amamos com dedicação o bom aspirante que quer aspirar como nós queremos que aspire um porco. Mal amados no vosso miserável palitar de palavras. A solidão dramática do homem moderno. A horrorosa condição subjugada do antigo que nem sequer tinha um vídeo projector para fazer render como solário debaixo das asas do microfone. Atenção, que isto não é um insulto. Mas sim um desalmado e livre convite à troca subtil de fluidos corporais contaminados de genética regressiva e elefantíase em último grau. Um queimar o esófago turvo e desembaraçar a prisão de ventre que macio como caca há-de vir o sustento, ou a sua trágica falta, pegar nos vossos imaculados rabos ao colo e forçar o arrote da saciedade bem dormida no vosso berço de biberon cultural vazio como um vocalizo de boi morto. A gente depois saca-vos a orelha à dentada ou com um aplaudido golpe de rins e os testículos deita fora com graça e ligeireza. Ou jogá-los ao berço para dentro e bem dentro de copos de cristal a estapafurdar para uma lareira de inverno acessível apenas a tenazes com três actos e unidade de acção. Carregando odres, gotas de saliva, odres carregados, carregados odres, carregando gotas de vinho, carregando odres.

Agora, vou embriagar mais. Cavalgar, sorver, lamber, cuspir. Beber mais vinho, mais vinho, ainda mais vinho. Ouves bem meu anjo, engole-me e bebe o último copo. Come-me a cavalo de cavalos senis amaranando precipícios. Bebe o último copo. Embriaga a cruz dos muros sem piedade entre dois sopros semicerrados. Lambe o segredo que a carne oculta. Sorve os olhos que desprezam e penetram o invisível como uma mentira. Cavalga o insaciável excesso que nunca pára de cair e salta. Cospe que entre o degredo a humilhação e o dejecto um vinho que nunca morre tece o voo. Um murmúrio para ninguém. Estupra e erra em cântaros ermos. Proto-geradora de crianças espremidas. Masturba-te com abutres no crânio, olhos vivos nos olhos mortos. Por chama, um pavio de álcool na boca. Enterrada e morta, morta e desenterrada, enterrada e viva, desenterrada e viva. Bebe o coração a esmorecer o peito para, esmagado rente entre as mãos, regar os ossos na necrópole do esquecimento. Sempre em frente, frente a frente, ascese, êxtase, e alegria. Cambaleando espécimens em enfartes degolados por uma ribanceira abaixo, contemplados com silenciosos insanos em infância excessiva. Mais vinho. Força desprovida de desagregada e corrosiva. Mais vinho. Canibalesca e amoral, canibalesca e amoral, cavalga. Traga drástica o sol do derradeiro sopro. Canibalesca e amoral cavalga, anjo. Mais vinho. Escrutina e traga luminosa o derradeiro sol do último sopro. Cavalga. Mais vinho. Cega, de costas voltadas para a luz, cavalga. Mais vinho. Bebe da tua morte até caíres. Morre, anjo. Volta a levantar-te e a beber da tua morte até caíres. Morre, anjo. Volta a levantar-te e enche de sexo a tua morte. Morre, anjo. Volta a beber do sexo da tua morte até caíres. Morre, anjo. Volta a levantar-te e canta a morte da tua morte. Morre, anjo, Mais vinho, morre. Estamos nus. Somos a nudez alva. Engole-me, anjo. Sussurra-me o fogo entrançado na coluna vertebral. Engole-me, anjo. Crepito por entre as tuas mãos. Engole-me, anjo. Umbigo, boca, púbis, ânus, coxas, pés, testa, falo, nuca, olhos, seios, língua. Engole-me, anjo. Pórticos de estrelas. Engole-me, anjo. Mais vinho. Em água, em mel, em leite, em sal, em suor, em vinho. Engole-me, anjo. Mais vinho. Engole-me. Calco, sorvo, lambo, beijo, suo, choro, canto, rio, bato, bebo. Bate-me, anjo. Gangrenas e gangrenas de caninos. Bate-me, anjo. Agrafo a minha nuca às tuas pálpebras. Bate-me, anjo. Como-te e mordo-te as pupilas. Bate-me, anjo. Corto-te os mamilos com os dentes. Bate-me, anjo. Com saliva virgem talho a tua língua. Bate-me. Gangrenas e gangrenas de caninos. Voa, anjo. Com a garganta trituro-te as nádegas e mastigo-te entre as pernas. Voa, anjo. Com farpas prego-te sobre a pele uma multidão de lábios. Voa, anjo. Gemo-te em baptismos e retalho-te a cara. Voa, anjo. Arranco-te o útero com as mãos. Cresce e multiplica-te. As portas estão escancaradas.

Cresce e multiplica-te, anjo. No branco dorme-se sempre nu, a cor ofusca e um brilho queima as pupilas. Desfralda a cal viva que suga entre as veias e as corrói, retira a carne devagar, pedaço a pedaço o corpo tomba como uma crosta rasgada. Entre silvos e pressão de ar tudo se estilhaça. Cresce e multiplica-te, cresce e multiplica-te. Calejado, moroso, mudo, delirante macio, cáldido. Cântico do regresso, sopro do regresso. Os muros apenas ecos. Presença, presença. Inspiro o fim. Cresce e multiplica-te anjo. Os muros apenas ecos. Cresce e multiplica-te. As portas estão escancaradas, anjo. Cresce e multiplica-te. O íntimo retorna. Silencioso, sereno, central. Nudez, mãos. Permanecem sóbrias. Os olhos soçobram, devagar. A boca ergue-se, devagar. Mãos abrem, mãos fecham. Nua, estranho como a carne amolece entre os dedos. Mastigo, deslizo, mastigo. Mais tarde o prazer grita por ti. Um grosso templo de frescura. Que nenhum nome permaneça. Que se calem as vozes. Que se abram as vozes. Que as vozes chorem. Que o choro não se canse. Que seja húmido e vermelho. Que arrase com os olhos que lacrimejam. Que nenhum momento se vanglorie. Cerrados os olhos, acordamos. Muito tarde ejaculamos o sombrio. Como e saboreio as memórias dos antepassados. Carcaças de cão esventrado. Calaram-se. Estamos sós. O túmulo que grita. Meia noite, anoitecer, meio dia, amanhecer. Nestes se exalam o suor e a rosa dos dias. Autofagia de sombras. Mais tarde o sexo endurece. Tragamos de um só trago o branco sol do sopro silencioso. Agora, é o fim. O gozo da luz que brota do negro absoluto. Agora, é o último dia. A morte virá porque não há para eles mais do que a morte. Virá mais cedo ou mais tarde, mas virá. Sempre virá porque o que morre não está vivo e nunca vive. Só o que não vive morre. A vida não provém da morte, a vida mostra a morte, anjo. A vida eclode em vida, anjo. A vida eclode em vinho, anjo. A vida eclode em fecundação e alívio neste chão irreduzível onde com gozo me insurjo. ☞





Jim Morrison, *Celebration of the Lizard King*